

## **A AULA DE CAMPO NO PIBID/UNEAL COMO PRÁTICA DIALÓGICA E CRÍTICA NO ENSINO DE GEOGRAFIA: Uma Análise da Temática das Regiões Brasileiras na Escola Estadual Aurino Maciel, Arapiraca/AL**

Alysson Fabiano Brito de Oliveira <sup>1</sup>

Amanda Rikelle Pereira Silva <sup>2</sup>

Klegila Karyne da Silva Gregorio <sup>3</sup>

Joice Alvelino dos Santos <sup>4</sup>

Maria do Carmo Duarte de Freitas <sup>5</sup>

### **RESUMO**

O presente trabalho apresenta um relato de experiência pedagógica referente a uma aula de campo conduzida pelos alunos bolsistas Alysson Fabiano Brito de Oliveira, Amanda Rikelle Pereira Silva e Klegila Karyne da Silva Gregorio, do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) da Universidade Estadual de Alagoas (UNEAL), com a supervisão da Professora Joice Alvelino, na Escola Estadual Aurino Maciel, localizada em Arapiraca/AL. A atividade, com uma duração total de 3 horas e 30 minutos (210 minutos), teve como foco o conteúdo curricular das Regiões

---

<sup>1</sup> Graduando do Curso de Geografia da Universidade Estadual de Alagoas - UNEAL, alysson.oliveira.2021@alunos.uneal.edu.br

<sup>2</sup> Graduando pelo Curso de Geografia da Universidade Estadual de Alagoas - UNEAL, amanda.silva.2023@alunos.uneal.edu.br

<sup>3</sup> Graduando pelo Curso de Geografia da Universidade Estadual de Alagoas - UNEAL, klegila.gregorio.2024@alunos.uneal.edu.br

<sup>4</sup> Professor supervisor da Escola Estadual Aurino Maciel, joice.santos@professor.educ.al.gov.br;

<sup>5</sup> Professora Coordenadora, Profª Ma. Da Universidade Estadual de Alagoas - UNEAL, mariadocarmo.duarte@uneal.edu.br

Brasileiras, buscando promover uma ruptura com o ensino geográfico meramente descritivo. A proposta metodológica centrou-se na leitura da paisagem local (Bosque das Arapiracas), utilizando-a como um ponto de partida concreto para a compreensão da complexidade e da diversidade do território nacional e de seus complexos regionais (Norte, Nordeste, Centro-Oeste, Sudeste e Sul). A metodologia incluiu as etapas de Pré-campo, Campo e Pós-campo, com o envolvimento ativo dos estudantes na observação, registro e debate sobre as disparidades socioespaciais. Os resultados indicaram um significativo aumento no engajamento dos alunos, uma maior contextualização do conteúdo e o desenvolvimento do raciocínio geográfico, permitindo que os estudantes correlacionassem as dinâmicas locais (Região Nordeste) com as macros regionalizações do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e as diversas realidades do país. O trabalho conclui que a aula de campo, quando bem planejada e executada, constitui

uma ferramenta indispensável para a formação de uma consciência espacial crítica e para a melhoria da prática docente na Educação Básica, validando o papel do PIBID na articulação teoria-prática.

Palavras-chave: PIBID. Aula de Campo. Regiões Brasileiras. Ensino de Geografia. UNEAL.

## INTRODUÇÃO

A formação docente, especialmente no contexto do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), preconiza a superação da dicotomia entre a teoria aprendida na universidade e a prática vivenciada na escola. O subprojeto de Geografia do PIBID/UNEAL, ao inserir o estudante Alysson Fabiano Brito de Oliveira, Amanda Rikelle Pereira Silva e Klegila Karyne da Silva Gregorio na Escola Estadual Aurino Maciel, em Arapiraca/AL, buscou criar um espaço de reflexão e inovação metodológica sob a supervisão da Prof<sup>a</sup>. Joice Alvelino. O desafio proposto neste relato concentrou-se no ensino do tema Regiões Brasileiras, um conteúdo frequentemente abordado de forma exaustiva e abstrata, limitado à mera memorização de estados, capitais e um conjunto fixo de características físico-naturais e socioeconômicas. Essa abordagem tradicional falha em conectar o aluno à realidade complexa e dinâmica do território, impedindo a formação de um pensamento geográfico crítico.

O tempo dedicado à aula de campo, estendido para 3 horas e 30 minutos (210 minutos), reflete a convicção pedagógica de que a imersão e a observação aprofundada são cruciais para a construção de um conhecimento geográfico significativo. A aula de campo, segundo a literatura especializada, é uma metodologia fundamental que transforma o espaço circundante em um verdadeiro laboratório de aprendizagem, possibilitando aos alunos a "leitura do mundo" e a percepção das interconexões entre a natureza e a sociedade (Cavalcanti, 2012). O cerne do problema pedagógico abordado foi: como tornar o conceito de região – uma abstração cartográfica e estatística – relevante para estudantes que vivem intensamente a realidade de uma única região, o Nordeste brasileiro? A mera descrição das características da Região Norte, por exemplo, não gera significado sem um ponto de comparação concreto no espaço vivido do aluno.

A justificativa para a escolha metodológica reside na necessidade urgente de contextualização. Ao invés de iniciar o estudo pela Região Norte ou Sul, distantes da realidade alagoana, a aula partiu da paisagem local como um microcosmo da Região Nordeste. Este procedimento visa potencializar o conhecimento do aluno sobre seu lugar, ancorando o conteúdo na sua vivência, conforme preconiza Freire (1996) ao defender que o saber do aluno deve ser o ponto de partida do ato de educar. Os objetivos desta

experiência foram: 1) Apresentar a aula de campo como uma alternativa metodológica ao ensino tradicional de Geografia, valorizando a prática dialógica; 2) Estimular o desenvolvimento do raciocínio geográfico nos alunos, focando na inter-relação entre o local e o regional/nacional; 3) Promover o debate crítico sobre as disparidades regionais e os diferentes modelos de regionalização do Brasil (IBGE versus Complexos Regionais); e 4) Avaliar a eficácia da imersão prolongada (3h30min) na fixação e na compreensão aprofundada do conteúdo. A expectativa era que a duração estendida da atividade proporcionasse tempo hábil para a realização de observações minuciosas, registros detalhados e um momento de síntese e debate em sala, garantindo a articulação inseparável entre os momentos de campo e a reflexão teórica.

## **METODOLOGIA**

A execução da aula de campo, com seus 210 minutos (3h30min), foi cuidadosamente planejada em três etapas interligadas para maximizar o aprendizado e o engajamento dos alunos, sendo essencial para dar conta da profundidade que se buscava no tema Regiões Brasileiras. A estratégia adotada se alinha ao conceito de Pesquisa-Ação e Relato de Experiência, típico de programas de iniciação à docência, onde o bolsista é um agente de transformação e observação.

O planejamento partiu de uma investigação prévia do aluno Alysson Fabiano e da supervisora Joice Avelino sobre o currículo da escola e as dificuldades históricas dos alunos com a abstração do conteúdo regional. A turma, composta por alunos do 7º ano “B” do Ensino Fundamental II, turma composta por 40 alunos, onde 26 são do sexo feminino e os outros 14 são do sexo masculino, com uma variação de idade entre 12 a 14 anos, a turma foi dividida em cinco grupos, cada um responsável por focar a observação em uma das cinco macrorregiões do IBGE, a partir de categorias-chave a serem comparadas: Grupo 1: Características Físico-Naturais (clima, relevo, vegetação), Grupo 2: Atividades Econômicas (comércio, serviços, agricultura), Grupo 3: Cultura e Sociedade (arquitetura, manifestações culturais, fluxos populacionais), Grupo 4: Infraestrutura (saneamento, transporte, energia) e Grupo 5: Questões Ambientais (impactos, lixo, poluição).

### **Fase 1: Pré-Campo (30 minutos) – O Referencial Teórico**

Este momento, realizado na sala de aula da Escola Estadual Aurino Maciel, focou

na apresentação e discussão de dois principais modelos de regionalização: a proposta oficial do IBGE e a divisão em Complexos Regionais (Amazônia, Nordeste e Centro-Sul), que enfatiza as diferenças socioeconômicas e históricas. Os alunos bolsistas distribuíram as fichas de observação e orientou os grupos sobre as categorias a serem registradas. A principal questão norteadora era: "Como os elementos que observamos em Arapiraca/AL (Região Nordeste) se manifestam de forma diferente nas demais regiões brasileiras?". Foram estabelecidas as regras de segurança e o percurso.

#### Fase 2: O Campo (150 minutos) – A Leitura da Paisagem e a Comparação Empírica

Os grupos percorreram o entorno imediato da escola, em um percurso pré-definido pela supervisora, que incluía áreas residenciais, o centro comercial próximo e pequenos espaços de vegetação residual, representativos da paisagem de Arapiraca. A longa duração (2,5 horas) permitiu que a coleta de dados fosse menos superficial. O foco era identificar, no concreto, características típicas do Nordeste alagoano (ex: edificações, dinâmica da feira, sinais do clima semiárido, etc.) e, por contraste, utilizar essas observações para inferir e debater como a realidade seria na Região Sul (predominância de agricultura mecanizada, colonização europeia, clima temperado) ou na Região Sudeste (megalópoles, elevada concentração industrial). Os pibidianos circularam entre os grupos, estimulando a formulação de hipóteses e a correlação direta entre o observado e o conceito geográfico, forçando os alunos a exercitarem a imaginação geográfica e a percepção da diferença. O registro fotográfico e a anotação de dados primários foram obrigatórios.

#### Fase 3: Pós-Campo (30 minutos) – A Sistematização e a Síntese Crítica

De volta à sala, os grupos socializaram suas descobertas, utilizando as imagens e notas de campo. Esta etapa foi dedicada à construção de um Mapa Mental Coletivo no quadro, onde cada grupo apresentava um elemento observado localmente e debatia como esse elemento era tratado, ou se apresentava, nas outras regiões brasileiras. Por exemplo: a discussão sobre a carência hídrica ou o comércio informal (Nordeste) levava a um debate sobre o uso intensivo de irrigação no agronegócio do Centro-Oeste ou a alta formalização econômica no Sul. Esta sistematização final garantiu que a experiência de campo fosse convertida em conhecimento curricular estruturado, fechando o ciclo de

aprendizagem e promovendo o debate sobre a distribuição de recursos e a desigualdade no Brasil.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados da aula de campo demonstram o sucesso da metodologia pibidiana na promoção de um ensino de Geografia mais vivo e crítico, reforçado pela extensa duração da atividade. A principal evidência do impacto foi a profundidade da discussão alcançada no Pós-Campo, que dificilmente seria atingida em uma aula expositiva tradicional de 50 minutos. A supervisora Joice Alvelino observou que a capacidade argumentativa dos alunos sobre a complexidade regional foi significativamente maior do que em conteúdos tratados exclusivamente em sala de aula.

A utilização do ambiente local como matriz de análise gerou uma aprendizagem contextualizada e relevante. Os alunos, ao identificarem as marcas da regionalização nordestina (como a presença de vegetação adaptada à seca ou a predominância de pequenos negócios e serviços informais), passaram a ter um referencial empírico para compreender a Região Nordeste de forma mais complexa. Mais importante, o processo comparativo – estimulado pela divisão de tarefas por categorias regionais – permitiu-lhes visualizar a heterogeneidade do território brasileiro de forma concreta. Por exemplo, ao discutir a Infraestrutura em Arapiraca (Grupo 4), o debate rapidamente migrava para as grandes redes de transporte e o uso de ferrovias e portos modernos do Sudeste, ou para os desafios logísticos da vasta e pouco povoada Região Norte, evidenciando as históricas disparidades socioespaciais do país. A discussão foi além da mera lista de características, alcançando a análise das causas dessas desigualdades, como o processo de industrialização concentrado no Sudeste e a histórica negligência em relação ao Nordeste e Norte.

A natureza prática e colaborativa da aula de campo elevou o nível de engajamento da turma. Os dados observados (registros fotográficos, notas de campo e entrevistas informais) se tornaram o centro do debate, transformando os alunos-bolsistas em mediadores do conhecimento, e não mais em meros transmissores. A maior parte dos estudantes demonstrou uma capacidade aprimorada de usar o raciocínio geográfico (o elo entre a observação e o conceito), conseguindo argumentar sobre a importância da Bacia Amazônica (Região Norte) ou do agronegócio exportador (Centro-Oeste) a partir de uma

base de comparação com o ecossistema e as atividades econômicas de Alagoas. A duração de 150 minutos no campo permitiu que a coleta de dados fosse menos apressada e mais reflexiva, gerando material rico para os 30 minutos de sistematização final, onde a síntese do conhecimento ocorreu de forma compartilhada. A experiência reforça a tese de Milton Santos (1988) de que a Geografia deve ser ensinada a partir da observação direta, para que os conceitos ganhem corpo e significado na realidade do estudante, promovendo a cidadania e a capacidade de intervenção no meio.

## CONCLUSÃO E CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência pedagógica relatada, uma aula de campo de 3 horas e 30 minutos sobre Regiões Brasileiras na Escola Estadual Aurino Maciel, com a condução dos pibidianos Alysson Fabiano Brito de Oliveira, Amanda Rikelle Pereira Silva e Klegila Karyne da Silva Gregorio e a supervisão da Professora Joice Alvelino, demonstrou o potencial do PIBID/UNEAL em promover a inovação no ensino de Geografia. A principal conclusão é que a aula de campo, quando planejada com intencionalidade crítica e tempo adequado (como as 210 minutos dedicadas), não é apenas um passeio ou uma ilustração, mas sim uma etapa essencial no desenvolvimento do pensamento geográfico, permitindo que o aluno articule a observação empírica com a teoria abstrata.

O tempo estendido da aula foi fundamental para o aprofundamento da análise e a transposição didática do conceito de região. Os estudantes foram capazes de usar seu lugar de vivência (Arapiraca/AL, Região Nordeste) como uma chave de leitura para todo o território nacional, compreendendo que as regionalizações (seja do IBGE ou dos Complexos Regionais) são construções históricas e políticas, e não apenas divisões naturais. O objetivo de estimular o debate crítico sobre as disparidades foi amplamente atingido, com os alunos discutindo as diferenças econômicas, sociais e de infraestrutura de forma mais informada e menos preconceituosa, identificando a herança colonial e as políticas públicas como fatores determinantes na configuração regional atual.

Para o aluno-bolsista do PIBID, a experiência serviu como um laboratório de prática docente, confirmando a validade da Pedagogia da Saída de Campo e solidificando sua identidade como futuro professor, capaz de planejar e executar atividades complexas e de longa duração, integrando a teoria (conceitos regionais e modelos de regionalização) à prática (leitura da paisagem). O papel da supervisora Joice Avelino foi essencial na mediação e no suporte logístico e pedagógico, reforçando a importância da parceria



universidade-escola. Recomenda-se que as futuras ações do PIBID continuem a priorizar metodologias ativas e o uso do espaço geográfico local, garantindo que o ensino de temas como a regionalização do Brasil seja sempre contextualizado e contribua para a formação de cidadãos mais conscientes da complexidade, diversidade e, sobretudo, das desigualdades do seu país. A aula de campo se consolida, assim, como uma prática inegociável na formação e na atuação do professor de Geografia, merecedora de maior espaço no currículo escolar.

## ANEXOS

### Aula Pré - Campo



### Aula Campo







**Aula Pós-Campo**



**Pibidianos / Supervisora / Coordenadora**

## AGRADECIMENTOS

A realização deste trabalho, fruto de uma experiência valiosa no campo da docência em Geografia, só foi possível graças ao apoio e à colaboração de diversas instituições e pessoas.

Expressamos nossa profunda gratidão:

- **Ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID)**, da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pela essencial oportunidade de imersão e articulação entre teoria e prática na formação docente.
- **À Universidade Estadual de Alagoas (UNEAL)**, pelo suporte institucional e pela condução do programa.
- **À Coordenadora Institucional do PIBID/UNEAL, Professora Dr<sup>a</sup>. Maria do Carmo**, pela liderança, pela orientação e pelo imprescindível apoio na gestão do programa que possibilitou esta e outras práticas pedagógicas inovadoras.
- **À Professora Supervisora Joice Avelino**, pelo acolhimento, pela orientação dedicada, pela partilha de saberes e pela mediação pedagógica que transformou o ambiente escolar em um verdadeiro laboratório de aprendizagem.
- **Às Escolas acolhedoras**, em especial **à Escola Estadual Aurino Maciel**, por abrir suas portas e fornecer o espaço e o contexto necessários para a aplicação da pesquisa e das metodologias ativas.
- E, finalmente, **aos nossos Alunos**, protagonistas desta experiência, pela curiosidade, pelo engajamento e pela participação ativa na aula de campo, que tornaram a leitura do território brasileiro uma jornada de aprendizado crítica e significativa.

## REFERÊNCIAS

**CAPES. Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID).**

Disponível em: [Inserir link da página oficial ou do edital do PIBID/CAPES]. Acesso em: 01 nov. 2025.

**FREIRE, Paulo.** *Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa.* São Paulo: Paz e Terra, 1996.

**LIBÂNEO, José Carlos.** *Didática.* São Paulo: Cortez, 1994.

**CAVALCANTI, Lana de Souza.** *Geografia, escola e construção do conhecimento.* 12. ed. Campinas: Papirus, 2012.

**PASSINI, Elza Yacomini.** *Alfabetização Cartográfica e o Aprendizado de Geografia.* São Paulo: Cortez, 2012.

**SILVA, Jeferson Ferreira da; CAMPOS, Gecely Rodrigues.** A aula de campo no ensino de geografia: uma visão pela literatura científica brasileira. *Revista EDUGEO – Educação e Geociências*, v. 5, n. 2, p. 357-372, jul./dez., 2020.

**SANTOS, Milton.** *Por uma Geografia Nova: da crítica da Geografia a uma Geografia Crítica.* 4. ed. São Paulo: Hucitec, 1988.

**SANTOS, Milton; SILVEIRA, Maria Laura.** *O Brasil: Território e Sociedade no Início do Século XXI.* 13. ed. Rio de Janeiro: Record, 2013.

**IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística).** *Divisão Regional do Brasil em Macrorregiões.* Rio de Janeiro: IBGE, ano de 2022.